

# Centro de Estudos Bahianos

ANTONIO VIANA

CRÔNICAS  
DA  
BAHIA

Publicação

25

SALVADOR - BAHIA

## CRONICAS DA BAHIA

O *Centro de Estudos Bahianos*, num justo preito a Antonio Viana, poeta e jornalista, recém falecido, que nos últimos quartéis de sua vida vinha reconstituindo, em crônicas magníficas, a fisionomia da cidade nos primeiros decênios do século vinte, edita, hoje, uma página inédita do saudoso homem de letras, com muita propriedade chamado "o cronista da cidade". Titulou-a, o autor, de "Crônica da Bahia", quando melhor seria rotulá-la de "O mês de novembro na história contemporânea da Bahia". Respeitamos, entretanto, a vontade do autor e publicamos tudo, tal como está no original.

A obra de Antônio Viana, neste gênero, está, em parte, publicada pelo Museu do Estado, sob o título; "Casos e coisas da Bahia". Em verdade, registrando as coisas e os homens de seu tempo, o trabalho de Antônio Viana poderia ser considerado verdadeiras memórias, onde o autor, boêmio e jovem, vive, modestamente, naquelas páginas tão cheias de movimento e de realismo, evocando uma época quase esquecida, absorvida por novos hábitos e costumes que transformaram radicalmente a pacata cidade do Salvador da bahia de todos os Santos, e, como disse certo romancista, "de todos os Santos e de todos os pecados".

\* \* \*

A Antônio Viana, ex-secretário geral da Comissão Nacional de Folk-lore, Secção da Bahia, as homenagens do Centro.



22.250  
22.250  
22.250

2690(81)-9  
2617

## CRONICAS DA BAHIA

*Antonio Viana*

Velho amigo me deu, por coisa aproveitavel aos arquivos do Instituto Histórico, um Boletim distribuido pelo Diario de Noticias desta Capital, em 17 de novembro de 1889, dois dias após a proclamação da Republica no Rio de Janeiro. A leitura dessa publicação me suggeriu traz-la ao seu destino acompanhada de outras novidades que guardo na memoria occorridas no mês de novembro. São casos e coisas da Bahia, revividos sem pretensões de historio-grafo, lembranças de menino, impressões de adolescente, testemunhos de homem de imprensa.

Tomo ao Boletim o fio da meada: "Hoje às 11 horas, considerando que o sr. dr. Manoel Vitorino seria empossado no forte de São Pedro, grande numero de pessoas para ali se dirigiram. Achavam-se no forte muitos officiaes e diversos cavalheiros. Mais tarde foi ali recebida uma comunicação do marechal Hermes da Fonseca, declarando aderir ao movimento. Esta comunicação foi feita aos circunstantes pelo tenente Salvador Pires, no meio de aclamações e vivas ao exercito. Em seguida o sr. Tenente proclamou a Republica, garantindo que o exercito envidaria todos os esforços para que não fosse derramado sangue".

Vê-se pelo final da noticia que o tenente proclamou a republica, quando muito tempo depois o cons. Virgilio Damasio, que assumira no momento o governo do Estado, me contava, na redação do Diario de Noticias, onde ia com frequencia, que fôra êle o proclamador. E minuciava: — "Formada a tropa frente ao quartel, o coronel Cristiano Buys, comandante do 16 de infantaria, me convidou a subir nos barrancos do terreno fronteiro e dali declarei proclamada a Republica. A tropa a seguir desfilou em passeata de regosijo pelas ruas da cidade, indo até a praça do Palacio".

Do relatado pelo venerando Bahiano, ofereço o meu testemunho à ultima parte, pois, menino, assisti passar diante da nossa casa à ladeira de São Bento, a soldadesca ostentando tópes de flores e folhas de crotons verde-amarelos nas carabinas, ao som de alegres

dobrados marciais. Gostei da musica e marchei corredor a dentro, impedido pelos mais velhos que choravam com pena e saudade do Imperador e da Princesa Isabel, chamada, desde 1888, a Redentora.

Compreendi, volvido o tempo, na escola a significação da-que-la passeata militar. Ouvi correias na rua e a exclamação do sa-pateiro da loja: — "E' coisa da republica. Lá vem a tropa. . . ." Não lhe pude escutar o resto, por que me vi arrastado pela mão es-cada abaixo rumo ao caminho de casa.

oOo

Estavamos a 24 de novembro de 1892. Havia barulho na Pi-edade, para depor do governo o dr. José Gonçalves da Silva. Sai do Collegio "8 de Dezembro", no Largo Dois de Julho, rebocado por fachnhudo individuo que me fora buscar. Conheci, no momen-to a exatidão do ditado — *Mais depressa se pega um mentiroso do que um côxo*. O homem era aleijado das pernas pelo reumatismo e andava apoiado a muléas. A hora do tiroteio, desprezou os arrimos e, numa carreira desabalada, tomou a dianteira, deixando-me, a mim corredor afamado, na bagagem. Fui encontra-lo já sentado atraz da porta de casa, no Cabeça, para me pedir que nada dissesse a meus pais. Silenciei.

As aperturas em que esteve a policia, na Piedade, aquella hora, serviram de gloria à musa popular, sempre pronta a registrar o gro-tesco. O comandante da guarda da Secretaria, que se evadira pelo fundo do sobrado em busca de asilo seguro, foi ter à residencio do dr. Alfredo Barros, presimoso clinico e prestigioso chefe politico do distrito de São Pedro. A casa ficava na Rua da Forca, hoje Pedro Jacome, confinando com a Secretaria. O povo attribuiu ao fugitivo desabafos tremulentos deste teor:

— Aonde vai Machado,  
Com tanta agonia?  
— Vou pular o muro  
Da Secretaria.

4

E ja dentro de casa, inquieto, à procura de esconderijo:

Alfredo, meu negro,  
Me esconda depressa  
No guarda vestido.

Do seu ajudante, pacato por indole, que tomando o exemplo, teve ao transpor o muro os fundilhos presos a cacos de vidros, miu-to usados contra ladrões, o povo traduziu a aflição na seguinte quadra:

Estou perdido.  
Arreda povo!  
Arreda gente!  
Eu sou Alferez,  
Machado é tenente!

oOo

A terceira impressão recebi a 5 de novembro de 1897 com a morte tragica do marechal Carlos Machado de Bittencourt, no Rio de Janeiro. Os quartéis ficaram de prontidão e eu tinha parentes na policia, no 9.º e no 16.º batalhões do exercito. Previa, na imagina-ção infantil, a reprodução daquelas marchas matinaes, rumo à estrada de ferro, de batalhões vindos de todos os pontos do Brasil, com tipos de fardamentos diferentes: uns com balisa à frente, outros es-paventosos nas bombachas, chapéus de abas largas, esbatidas na frente, gorritões, barretinas, casquetes, bonés de pala, cavalos mas-culos, lanças em riste, laços, bombas de chimarrão. As bandas de musica com instrumentos desconhecidos, a executarem dobrados ar-rebatadores à chegada, lastimosos à hora do embarque para a car-nificina do sertão. Batalhões que Francisco Mangabeira immortalizou na TRAGEDIA EPICA, repleta de estrofes desse lavor:

"Gloria, brava legião! A morte, a propria morte,  
Respetará a vida a estes que vão partir  
Deixando tudo aqui, e não levando nada,  
A não ser sua audacia, a baionêta, a espada  
E a saudade que, atroz, a alma lhes vem ferir."  
"Deus os conduza... Sempre os acompanhe a Gloria..."  
A prontidão, felizmente, cessou sem consequencias.

5

A quarta impressão me veio, dias passados, a 20, com os exames finais do curso primario na Escola Popular Primaria do Prof. José Gregorio da Costa, ao Maciel de Baixo n.º 19, o mesmo numero actual. Minha sensação foi mixto de tristeza e alegria. Tristeza por deixar condiscipulos e o mestre amigo, a quem tanto me afeiçoara sinceramente e de quem muito aprendi para a vida. De alegria por confiar nas promessas de que iria ser padre. Se a tristeza estumou, a alegria não teve melhor sorte. Na manhã seguinte às ferias, incluíam-me no pelotão do marçanos, que diariamente palmiavam as ladeiras do Pelourinho e do Tabuão e, em breve, era senhor do tira-amostras e da vassoura de piassava, inseparáveis do caixeiro mais novo no comercio da provincia.

Em 1899 senti o atordamento geral à espera do Comêta Biela que passaria perto da Terra, a 13 de novembro. Os disturbios celestes não se verificaram. Verificou-se, porem, o entrecoque da policia e os caixeiros na Cidade Baixa, a que certo cançonetista em voga dedicou versos desta especie:

— Lá vai balada!

— Se atrair, cai na pedrada.

Dessa colisão surgiu a abençoada obra de cooperação privada que é a Associação dos Empregados no Comercio da Bahia.

oOo

Três anos corridos, em 1902, tive os olhos em lagrimas ao assistir o clamor publico pela morte do dr. Manoel Vitorino Pereira, ocorrida em 9, no Rio. A Bahia se mostrou digna de semelhança filho, abraçada dias depois ao esquife na angustia de Mater Dolorosa. A Faculdade de Medicina transformou-se em Tabor para que a Patria visse a grandeza daquele homem.

Nova turbação senti a 14 de novembro de 1904. Esta cidade sobressaltou-se à noticia do assassinio do general Travassos, antigo comandante do Distrito na Bahia, que coube conhecer e apreciar na disciplina e cavalheirismo. Morreu defendendo os comparas na re-

belião contra a vacina obrigatoria. Foi naquele momento que o dr. José Joaquim Seabra, ministro do Interior e responsavel pela execução da medida saneadora, enfrentou, impavidamente, os adversarios, lançando-lhes o desafio de que assumiria todas as pastas, se preciso, para prestigio da autoridade constituída.

Mal referido dessa comoção, preparava-me para os exames de preparatorios que estavam à porta, quando a 18, madrugada na vizinhança mais uma escaramuça, rastejada de sangue, com a sedição de que é memoria o tumulto do alferes Teodomiro Ramos de Queiroz, no cemiterio da Quinta dos Lazaros. Assisti ao embate decisivo das forças contrarias, na rua Cons. Dantas, frente à antiga Loja Ataide. Foi rapido, dolorosamente tragico. A primeira descarga da infantaria legalista tombou crivado de balas, o jovem comandante dos rebeldes. Levaram-no para o Hospital Militar, no Alto dos Galés. Dos mortos visinhos ouviam-se os gemidos do agonizante. Houve outros corações enlutados.

Volvamos a pagina em demanda de outro episodio assinalado no undecimo do ano.

O Decreto de 19 de novembro de 1889, instituindo a Bandeira da Republica, caiu no esquecimento por muitos novembro. Em 1910 a officialidade do Quartel General, sob as vistas do general Siqueira de Menezes resolveu reavivar o culto ao nosso Pavilhão Nacional. Foi chamada a imprensa em auxilio. Movimentaram-se os patritotas. Conseguiram, até, um feriadossinho, na época em que se os contavam pelos dedos da mão, como grandes acontecimentos. O culto continuou, em ritmo decrescente. Veio a guerra de 1914. O Brasil foi insuflado a combater. Era preciso reacender o entusiasmo por tudo nosso. Surgiu em 1918 o decreto considerandoferiado nacional naquele dia, o Dia da Bandeira. A restritiva, porem, desta vez foi desprezada, e somente em 1928, voltou a ser util o dia 19 de novembro, quando por aqui descobriram que o encarregado de copiar a lei na Biblioteca Publica omitira a parte final, que restringia os efeitos do decreto em lide.

Vejamos, agora, o ocorrido a 13 de novembro de 1913. A tarde levamos a enterrar o prof. Gustavo Adolfo de Andrade Régio

filólogo combatido e combatente determinado. Chegamos ao cemitério pelas 4 horas. Os Coveiros desapareceram misteriosamente para voltarem, minutos após, com o administrador precipite. Dirigiu-se este aos interessados e informou: — "Ha que esperar". O finado era de proporções exorbitantes para caber no carneiro comum. Que fazer? Arrazar uma divisão, dando amplitude ao repositório do feretro. Mãos à obra.

Olhamo-nos, interrogativamente. Tinhamos que esperar. Uma hora, talvez; talvez mais. Olhamo-nos, novamente, mudos. Aquelle silencio era o julgamento sumário dos valores morais e intelectuais do morto. Fôsse outro o defunto e, sem cerimoniais, cada qual rumaria ao portão e deixava aos coveiros o mister de enterrarem-no. Entendendo-nos naquele mudez. Roberto Correia quebrou a sornunidade. Fez o primeiro epicédio. Outros o seguiram, no lastimar a perda do gramático, do pedagogo, do amigo, do compatriota, do parente, em relevos exatos da individualidade de Gustavo de Andrade. Coube-me falar pelos que amam a lingua portuguesa. Tratei das impurezas que a pedanteria carrava para os manaditos vernaculos, sempre defendidos pelo atilado mestre. Almaguio Diniz e Carlos Chiachio redatores do CORREIO, cotidiano de vida efemera, que tinha redação na esquina do Pau da Bandeira e oficinas não se sabia onde, publicaram o resumo do meu discurso. Não sei o que viram de aproveitavel na oração. Quanto a mim, dias passados, a 30, deixava espontaneamente a redação do "Diario de Noticias", ingressando no dia imediato, no "Jornal de Noticias" por convite do seu diretor Aloisio de Carvalho. Andaram os trafegos rapazes da imprensa a imaginar causas que não vêm a pélo. Isto é assunto para outra crônica de casos da Bahia, ou coisas da imprensa na Bahia.

Continuemos.

Aos 11 de novembro de 1918, circulou a bôa nova da assinatura do armistício entre as nações em guerra desde 1914. Indescri-tível entusiasmo popular. Muita gente chorou de alegria. Houve, também, que chorasse de pesar por se fecharem as comportas dos lucros fabulosos. E também houve quem chorasse pelos que ficaram a adubar as terras estranhas com seus corpos tombados na Luta. Tomei parte no regosijo e ainda sinto nos olhos e nos ouvidos os

aspectos gritantes daquele momento emocional. Entre ovacões aos vencedores, porpuz um Hino e uma Prece. O Hino para vitoriosos. A Prece para os que pereceram. E os dois votos se confundiram no alarido ensurdecedor partido da multidão que enchia a rua da Mercicórdia, frente à Redação do O TEMPO.

Grande abalo soffreu a nossa terra, quando cerrou os olhos à vida material o conspicuo educador Ernesto Carneiro Ribeiro, a 20 de novembro de 1920. Era o sábio plasmador de centenas de caracteres que vieram a servir frutuosamente a Patria. A noticia trazia no bôjo os rumores soturnos de uma catastrophe. Ninguém queria acredita-la veraz. A realidade, porém, terrivel embora, ali estava entre as tabuas do esguite que levaria para o tumulo os despojos mortais do ancião de existencia util nos officios do saber. Foi verdadeira apoteose aquelle descanso pungitivo na tarde de 20.

Havia empenho nas tributações inesquivocas da amizade e da veneração que inspirara sempre o varão insigne.

Tornou-se ponto incidente para o culto dos que lhe sabem do valor e da bondade, aquelle retangulo na necropole dos Lazaros, encimado pelo busto patriarcal de Ernesto Carneiro Ribeiro. Faz pouco, respeitavel senhora veio de São Paulo, orar debruçada no jazigo, em desobriga do voto formulado no imo dalma por tudo que recebera daquele abençoado espirito.

Contemplei a 1 de novembro de 1924, sizudo cavalleiro de largos haveres e illustração incomum, frente a campa do genitor, a chorar copiosamente, inconsolavelmente. Ouvi-lhe a confidencia:

"Pensam os circunstantes que pranteio a perda de meu pai. Minhas lagrimas tem a expressão sincera de quem vem tomar por testemunho insubstituivel o autor de seus dias, na campanha tremenda, cruel e desnecessaria, que me movem elementos maléficos.

Tomei-o pelo braço e saímos, ladeira afora. Deixei-o seguro na confiança que o levava ao local do nosso encontro. Comentei intimamente:" — "Mais uma de novembro. Será a ultima?"

Por certo que não. Succedeu-me inconcebivel surpresa em 1930. Vitorioso a revolução, fui recolhido ao comando da Policia Militar, no Quartel dos Barris, para espisar o delicto de não me meter na vida albeia. Albeio considero o que qualquer pensa e não é da minha conta indagar nem influir. O fato é que tive veraneio forçado

e pude na reclusão alentar espíritos pavidos que julgavam terminar os seus dias na cadeia, tais os boatos que chegavam aos nossos ouvidos, não obstante estarmos incommunicáveis.

Dois episódios característicos daquela fase de inquietações devem ser lembrados. Vamos ao primeiro. Passara eu a noite em claro a preparar o relatório circunstanciado de minha vida. Dispunha-me tranquilamente ao primeiro café de detento. Aproximei-me da mesa, sentei-me e saquei do bolso pequenino embrulho, cujo conteúdo ia derramar na xicara. Pegaram-me bruscamente o braço. Era a sentinela, porque nós tínhamos vigia à única porta da sala, onde me recolhiam e a diversas pessoas de responsabilidade. Gritou. Atendeu o superior. Contabularam. Fiquei a visto do soldado de carabina ao ombro. O oficial saiu com o embrulho, pois julgava tivesse um toxico. Tomei calmamente o café, pensando comigo: — “Quem não deve não teme”.

Recebi horas depois a visita de distinto medico do Corpo de Saude da Policia, chamado a apurar o caso. Expliquei-lhe: — “Isto é Condurango Branco que me recebeu o Prof. Fernando Luz, meu medico assistente”. — “Morrer, agora, Doutor, quando tudo isto se vai tornando tão engraçado? Deus me livre de não ficar para o resto.

O outro episodio não se fez tardar. Apareceu-me, no terceiro dia, o fornecedor official das refeições. Falou-me lamuriento.

— Porque não quer comer? Todo o dia volta tudo.

— Porque estou de dieta.

— Que penal!... Ouça moço: Onde está o homem está o perigo... Tenha paciência, me assine o vale, porque eu vivo é disto. — E mais lastimoso ainda: — O senhor assina?

— Para lhe ajudar.

— Deus lhe pague.

Guardei a sentença e o homem guardou o vale. E durante a quinzena de convívio forçado, o botequineiro repetiu-me a sentença do perigo e recebeu o vale, sorrindo. E tinha razão de sorrir: tudo aquilo era tão divertido.

Entrei e sai sem saber em definitivo porque lá me meteram. Nem a Comissão de Sindicancia, presidida pelo dez. Liderico dos

Santos Cruz, que me ouviu, 2 meses após, ponde me dizer. Se ele mesmo não sabia, por não lhe terem respondido o pedido de informações.

Ficou-me, porém, algo de agradavel e util. Ficou-me no ouvido a escala sonora das fanfarras da Cavalaria, que me alegrava as madrugadas. Ficou-me tambem a bondade daquela gente que me servira de carcereiro forçado.

Felizmente no dia de Santa Cecilia, com surpresa para mim, acabou em paz o castigo e tornei ao lar abençoado, que estive na minha ausencia deserto de tantas caras assiduas nos dias do poder, deserto restaurador da humildade em que sempre vivi.

Mergulhei nas brumas de minha insignificancia. Sete longos anos atribulados, para emergir em novembro de 1937. Encontrei o meu lugar ao sol, sem que houvesse cuidado de preservá-lo das invasões famigeradas de empreiteiros de posições.

Doze anos decorridos, eis que novembro nos oferece o episodio mais empolgante de nossos dias. A devolução carinhosa ao berço natal dos restos mortais de Ruy Barbosa. Recebemo-lo com a alma a transbordar de satisfação, que nem a realidade da morte fisica do incomparavel Bahiano pode sombrear. Ruy ai está na materialidade dos seus despojos na cripta do Forum, desde aquela tarde de 1949, centenário do seu nascimento. E sobre a materia está o espirito derramado por toda a casa a ungar os corações e a alumiar os cerebros dos que ali se reúnem para falar e para julgar em nome da Lei.

O fato é de ontem: absolve novembro de tantos pecados e de tantas tropelias.

Tudo isto veio á lume para que entregasse a esta casa de multítiplos respetos o sexagenario Boletim de noticias encontradças sobre a proclamação da Republica. Valeria a pena tomar, como tomei, a vossa atenção? Foi mais uma de novembro. Coisa da Republica — no dizer do sapateiro de minha infancia.